

Transtornos do espectro autista na escola

* DR. GUSTAVO TEIXEIRA

Os transtornos do espectro autista compreendem problemas comportamentais em que existem prejuízos significativos na interação social, atraso na aquisição da linguagem e comportamentos estereotipados e repetitivos.

Basicamente, essa dificuldade de relacionamento e interação social é o grande problema no autismo infantil. A impressão é que a criança está fechada dentro de seu mundo particular e não consegue interagir com outras pessoas ou outros objetos. Os pais podem procurar ajuda do pediatra, preocupados com o comportamento do filho que ainda não está falando, resiste aos cuidados paternos e não interage com outras pessoas.

O transtorno apresenta uma incidência de 1% de crianças e adolescentes em idade escolar e ocorre em torno de quatro vezes mais em meninos do que em meninas.

Até pouco tempo atrás, o autismo era um problema comportamental identificado por volta dos três anos de idade, entretanto, **com o avanço dos conhecimentos sobre a patologia, é possível identificá-la nos primeiros meses de vida da criança.**

Essa precocidade na identificação dos transtornos do espectro autista é fundamental para a realização de uma intervenção precoce, pois nos oferece uma grande “janela de oportunidade” para ajudar na reversão de muitos sintomas e isso é possível apenas se a criança é tratada precocemente.

A inteligência está comprometida em grande parte das crianças com autismo e cerca de 70% desses pacientes apresentam deficiência intelectual, contudo algumas crianças podem frequentar escolas e ter um desempenho acadêmico regular.

Bebês com autismo apresentam grande déficit no comportamento social, tendem a evitar contato visual e mostram-se pouco interessadas na voz humana. Eles não assumem a postura antecipatória, como colocando seus braços à frente para serem levantados pelos pais, são indiferentes ao afeto e não demonstram expressão facial ao serem acariciados.

MUNDO PARTICULAR

Crianças com autismo têm interesse peculiar por brinquedos, mas não se interessam em brincar com familiares ou com outras crianças. Elas não têm interesse por jogos e atividades de grupo

Outra característica observada em alguns bebês e crianças pequenas com transtorno do espectro autista é que eles podem iniciar normalmente o desenvolvimento de habilidades sociais, entretanto, de repente ocorre uma interrupção dessa evolução e a criança começa a regredir em seu desenvolvimento. Por exemplo: a criança com dois anos de idade que para de falar, de mandar tchau e de brincar socialmente, como nos jogos do tipo pega-pega.

Quando crianças, não seguem seus pais pela casa e não demonstram ansiedade de separação dos mesmos. Não se interessam em brincar com familiares ou com outras crianças e não há interesse por jogos e atividades de grupo. Suas ações podem se limitar a atos repetitivos e estereotipados, como cheirar e lamber objetos ou bater palmas e mover a cabeça e tronco para frente e para trás.

O interesse por brinquedos pode ser peculiar, a criança pode se interessar pelo movimento circular da roda de um carrinho ou pelo barulho executado por ele, por exemplo. Essas alterações estão relacionadas com respostas não usuais a experiências sensoriais diferentes vivenciadas pela criança.

Pode ocorrer fascinação por luzes, sons e movimentos que o desperte para um interesse muito grande, por exemplo, pelo ventilador de teto ou por uma batedeira elétrica. A textura, cheiro, gosto, forma ou cor de um objeto pode também desencadear interesse peculiar na criança.

As causas do autismo infantil permanecem desconhecidas, mas diversos estudos indicam que fatores genéticos estão relacionados com a causa do transtorno. Insultos ao cérebro em desenvolvimento durante a gestação estão hipoteticamente relacionados com a origem do autismo. Nesse caso, alterações estruturais cerebrais, fatores imunológicos, neurológicos, bioquímicos, além de fatores congênitos, como rubéola, encefalite e meningite poderiam predispor a criança ao autismo.

Intervenções conjuntas englobando psicoeducação, suporte e orientação de pais, terapia comportamental, fonoaudiologia, treinamento de habilidades sociais e medicação ajudam na melhoria da qualidade de vida da criança, proporcionando a melhor adaptação ao meio em que vive.

Um profissional importante no tratamento e no processo pedagógico dessa criança será o facilitador ou mediador escolar.

Ele será um elo entre educadores, pais e o estudante.

O mediador escolar trabalhará auxiliando a criança na sala de aula e em todos os ambientes escolares, como um “personal trainer”, mediando e ensinando regras sociais, estimulando sua participação em sala, facilitando sua interação social com outras crianças, corrigindo rituais e comportamentos repetitivos e acalmando o estudante em situações de irritabilidade e impulsividade.


Comportamentos agressivos, automutilantes, irritabilidade, instabilidade emocional, impulsividade e depressão podem melhorar muito com associação de medicamentos e técnicas de manejo comportamental.

Um tipo de tratamento comportamental que tem ganhado destaque atualmente pelo sucesso de suas intervenções é chamado Análise do Comportamento Aplicado ou ABA (Applied Behavior Analysis).

O método ABA é praticado por psicólogos experientes e consiste no estudo e na compreensão do comportamento da criança, sua interação com o ambiente e com as pessoas com quem ela se relaciona. A partir do conhecimento e do funcionamento social global da criança, são desenvolvidas estratégias e treinamentos específicos para corrigir comportamentos problemáticos e estimular comportamentos assertivos e práticos.

A atividade esportiva e de psicomotricidade também merecem destaque nas intervenções com crianças e adolescentes com autismo e outros transtornos do espectro autista, pois auxiliam muito no desenvolvimento de habilidades motoras, consciência corporal, melhoram a autoestima, estimulam a socialização e aumentam a inclusão dessas crianças em eventos escolares e sociais.

Ressalto o belo trabalho de duas instituições brasileiras sem fins lucrativos: a Associação de Amigos do Autista (AMA) e a Autismo e Realidade. Ambas as associações são formadas por pais, profissionais e pesquisadores que buscam a divulgação do conhecimento científico sobre o autismo, com campanhas e atividades direcionadas a motivar e orientar as famílias na sua busca por diagnóstico, tratamento, educação e inclusão social.

A luta para eliminar preconceitos e despertar o interesse e boa vontade da sociedade brasileira também faz parte dos objetivos dessas instituições e merece todo o respeito e apoio. 

*** Dr. Gustavo Teixeira**

Médico psiquiatra da infância e adolescência.
Professor visitante da Bridgewater State University.
Mestre em Educação, Framingham State University.

www.comportamentoinfantil.com

